

40 MIL PERDERAM SEUS EMPREGOS SEM RESISTÊNCIA APROVAR A GREVE PARA ORGANIZAR A LUTA EM DEFESA DOS EMPREGOS E CONTRA A PLATAFORMIZAÇÃO E O ARROCHO SALARIAL

 Do começo do ano até o momento, mais de 40 mil professores foram demitidos pelo governo, muitos desses colegas com vários anos de experiência no magistério, e agora sobrevivem de bico ou amargam o desemprego. O governo, que impôs o concurso como elemento da demissão em massa, ataca ainda com a "plataformização" do trabalho, ou seja, mudando parte da grade curricular por meio do ensino a distância (EaD), uma das formas de parasitar os recursos da educação pelos empresários de equipamentos e plataformas virtuais, a exemplo do Secretário, que é dono da empresa que vende a maior parte dos computadores e demais equipamentos. Outro problema enfrentado pelo Magistério é um arrocho salarial de mais de 34%, segundo levantamento do Dieese.

Além dos problemas já citados acima, temos o problema da jornada estafante e do avanço à precarização, fazendo com que os professores cheguem nesse final de primeiro bimestre exauridos pelas jornadas extensas, e sob forte pressão do controle imposto pela plataformização e pelas salas superlotadas. A imposição das PEIs a toque de caixa, durante e depois da Pandemia, aliado ao fechamento das salas e turnos, acabou por impor aos professores um aumento exponencial da exploração, tornando o trabalho dos professores cada vez mais insalubre.

Diante dos inúmeros ataques que temos sofrido, defendemos a organização de uma luta efetiva contra o governo de Tarcísio/Feder, com os métodos próprios dos trabalhadores. Portanto, sómente com a deflagração da greve, seremos capazes de dar uma resposta à altura dos ataques desfechados sobre os trabalhadores, e impor assim nossas reivindicações.

A maioria das correntes de esquerdas foram coniventes com a demissão dos 40 mil

Desde o começo do ano, a direção da Apeoesp tem feito de tudo para sufocar as tendências de lutas dos professores, além de não organizar a luta no início do ano letivo contra o desemprego, atuou para impedir a unidade com os professores do município de São Paulo, alterando a assembleia que estava marcada para o dia 8 de março para o dia 15. Nesta assembleia, mesmo diante da disposição de luta do professorado presente nela, a direção se recusou a chamar a greve e defender a unidade com os municipais de São Paulo e com os funcionários das universi-

dades públicas federais, que entravam em greve contra o arrocho e destruição do ensino público do governo Lula/Alckmin, a mesma política de arrocho salarial e precarização do trabalho que os governos Nunes/MDB e Tarcísio/Republicanos aplicam na prefeitura e no Estado.

Ao jogar a próxima assembleia para o dia 26 de abril, 42 dias depois, a direção da Apeoesp escancarou seu objetivo de conter as lutas e virar as costas aos 40 mil desempregados, e também às centenas de milhares de efetivos e contratados que, além de amargarem uma perda de mais de 34%, estão sob condições cada vez mais insalubres de trabalho, através do controle imposto pela plataformização.

A direção impôs seu calendário eleitoreiro com a famigerada caravana, que supostamente denuncia a destruição dos serviços públicos pelo atual governo, mas é dirigida “à população”, não “aos professores”, que estavam em sala de aula, conforme boletim produzido. Não chamou a responder os ataques com medidas concretas para enfrentá-los agora, e sim com a intenção de se apresentar como alternativa eleitoral para resolver os problemas da classe por meio do parlamento burguês. Por isso, dizemos que a caravana cumpre um papel eleitoreiro e de desconstrução da greve distracionista. Eleitoreiro, porque seu principal papel é o de potencializar as campanhas eleitorais de uma parcela de diretores e professores que se candidatam para as eleições municipais. Distracionista da greve, pois, mesmo que a direção tenha dito que esta seria para “construir a greve”, isso não passa de farsa para esconder que a direção não tem qualquer compromisso em construir a luta, por que não houve qualquer medida de organização nas escolas e regiões para convocar para uma assembleia massiva e preparar uma greve forte, massiva e radicalizada.

Nesse sentido, a direção cumpriu e cumpre um papel traidor, de desviar a luta direta pelas reivindicações para as disputas parlamentares e eleitorais, iludindo os professores de que, ampliando a base nas câmaras ou no executivo, será possível fazer aprovar as reivindicações dos trabalhadores da educação. Eis por que, as direções são contrárias à radicalização das lutas, e impõem, por meio da política de conciliação de classes, os planos da burguesia e de seus governos. Essa tem sido a política encaminhada pelas direções da Apeoesp e do SINPEEM, com a colaboração das correntes majoritárias de “oposição” e seus satélites.

A esmagadora maioria das correntes que compõem a Oposição Combativa, ao não defenderem a greve já no dia 15 de março, demonstraram sua subordinação à burocracia e sua política de “não-greve”. Revelaram-se incapazes de organizar a categoria com independência de classe, e foram coniventes com a demissão em massa e com as atuais condições de trabalho dos professores e demais trabalhadores da educação. Além de atuarem como cúmplices do divisionismo imposto pelas direções sindicais, quando poderiam ter potenciado a greve dos municipais e das federais, ajudando a avançar à unidade a partir da base, com um plano de reivindicações unitário, que fortaleceria as greves em curso e também da Apeoesp.

A Oposição Combativa cumpriu seu papel na construção de uma chapa eleitoral sindical para combater a direção burocrática e correntes do PSOL que se ajoelharam ao governismo. Mas, foi incapaz de construir uma oposição classista, na luta pela defesa dos empregos, salários e condições de trabalho, e defender um programa de combate às medidas de ataque do governo e da política conciliadora da burocracia.

Ainda está em pé a tarefa de construir uma Oposição com independência de classe, capaz de aglutinar a vanguarda dos professores com um programa de combate ao governo e à burocracia.

Todos à assembleia do dia 26 às 16h, na Praça da República!
Aprovar a greve imediata!